

da república os altos de terra. Na região de Santiago sentiram-se dois abalos que causaram prejuízos materiais. — (R.)

— *E o vai!* — estamos daqui a ouvir o senhor provedor ao lêr os ligeiros comentários aqui feitos.

E nós diremos que é vulgar afirmar-se que teimosias destas são próprias de certos animais. . .

da república os altos de terra. Na região de Santiago sentiram-se dois abalos que causaram prejuízos materiais. — (R.)



A OCUPAÇÃO DO RUHR

O povo deve reagir ante a ameaça duma nova guerra

Ainda ontem, se pode dizer, a Europa foi teatro da carnificina mais monstruosa que a história dos povos registra — como está ainda gravada, numa forma bem horrível, na memória de todos, essa cena trágica de fogo, sangue, morte e ruína que assombrou a humanidade inteira!

Que loucura! E' já o egoísmo e a ambição tornados ferocidade e barbarie! O capital faz da raça humana as feras mais perigosas e terríveis de todo o Universo!

Quem duvida ainda de que se a constituição da sociedade capitalista — doal não se modificar num sentido mais justo e equitativo a alimentação, o vestuário, a habitação e todas as coisas indispensáveis à existência humana virão a ser disputadas a ferro e fogo? — como já hoje se dá, o que é um palido reflexo do que poderá vir a ser o dia de amanhã!

... Pois é verdade, estamos ameaçados com mais outra guerra!... Desta vez, em nome de quê? Também do Direito, da Justiça e da Liberdade dos povos? Tartufos! Farfantes!

E' assim que a alta finança, a alta industria e o alto comércio, mil vezes piores que as feras dos bosques, pretendem reparar a grande monstruosidade que praticaram desde 1914 até 1918!

E' assim que os potentados e detentores da terra e de toda a riqueza social que não lhes pertence, mas sim ao povo que a produziu, pretendem reparar essa horrível carnificina que espalhou por todo mundo a fome, a miséria, a dor, o sofrimento, as lágrimas, o luto, a tristeza, o desespero e a revolta!

Que pensa o povo, principalmente aquele povo que trabalha e morre de fome e é a maior vítima das infâmias capitalistas-estorpiadas, perante mais esta monstruosidade?

Deixar-se há ludir e enganar mais uma vez pelo tã decantado e estafado patriotismo que aproveita só aos seus exploradores e tiranos, servindo mais uma vez de carne de canhão? Assistir cobardemente de braços cruzados, sem fazer o mais pequeno gesto de protesto contra tal horrível espectáculo?

Não pode nem deve ficar em silêncio! E' preciso que o povo escravizado e explorado prove, eloquentemente, dum vez para sempre, que não está disposto por mais tempo a admitir e a tolerar sequer semelhantes infâmias aos seus exploradores e opressores que vivem do crime legalizado, sob pena de ficar carregado eternamente pela pata feroz do capital-estorpiado!

M. C. MACHADO

EM TORRE DAS VARGENS

TORRE DAS VARGENS, 4. — Neste local e na reunião efectuada pelos ferroviários, a respectiva assembleia vibrou de indignação contra os manejos do capitalismo francês que pretende desencadear nova guerra para seu proveito e demais exploradores do mundo.

Ficaram os ferroviários daqui bem educados das nefastas consequências de qualquer luta guerrilheira para o povo trabalhador, o único que sofre todos os horrores desses abomináveis actos, dando por isso todo o seu apoio a tudo quanto se faça para se evitar que tal suceda.

EM ALVALADE

ALVALADE, 4. — Na Associação dos Trabalhadores Rurais efectuou-se uma sessão de propaganda contra a guerra, fazendo uso da palavra Manuel Angelo Guerreiro e Antonio Americo da Silva.

Foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar todo o apoio moral e material a C. O. T.

2.º Ser solidários para com os nossos irmãos de trabalho de além fronteiras;

3.º Secundar todos os movimentos iniciados pela C. O. T. até onde as circunstâncias o permitirem.

FACTOS DIVERSOS

Foi autorizada a admissão no Arsenal da Marinha, de 10 calafates, pelo período de 30 dias.

Foi exonerado de director da Fábrica Nacional de Cordoaria, por ter sido nomeado comandante do Corpo de Marinheiros, o capitão de mar e guerra sr. M. A. Nunes de Sousa.

A direcção daquela fábrica, foi entregue ao sub-director, capitão de fragata sr. A. de Sousa Dias.

Universidades, Academias e Escolas

Sociedade Instrução «Os Amigos da Infância». — Encontra-se aberta a inscrição, todos os dias, das 21 às 22 horas, para o grupo dramático.

M. 116 — Folhetim de A BATALHA

9 de fevereiro de 1923

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

Effectivamente, era marcencioso, ao mesmo tempo que pudulador, tendo aprendido muitos officios, como todos os rapazes da sua idade, para não se emburrecer numa especialidade estreita.

O trabalho tornava-se uma alegria, uma recreação, variando-se, renovando-se sempre assim.

— Bom proveito! gritou-lhe simplesmente Lucas, alegre com a sua alegria.

— Sim, sim, obrigado, senhor Lucas. E' assim mesmo; bom trabalho, bom proveito!

Mas onde Lucas passava alguns minutos de satisfação, nas manhãs de visita, era na oficina dos fornos de cimento.

Como ali se sentia longe do antigo interno, os fornos de cimento do Abismo, as fôrmas ardentes roncando como vulcões, e donde os miseráveis operários, num reverbio de incendio, deviam

retirar a força de pulso as cem libras de metal em fusão!

Em lugar da sala negra, poeirenta, duma porcaria imunda, estendia-se uma vasta galeria que as grandes janelas envidraçadas enchiam de sol, o pavimento de largas lajes, entre as quais se abriam as baterias de fornos simétricos.

O emprego da electricidade fazia-os frios, silenciosos, dum belo asseio.

E ali também, as máquinas faziam todo o serviço, desciam os cadinhos, tornavam-nos a subir esbraseados, despejavam-nos nos moldes, sob a simples vigilância dos operários condutores.

Mulheres mesmo se encontravam já dispostas para a distribuição da força eléctrica, porque se tinha notado nelas mais cuidado e justeza no manejar dos aparelhos de precisão.

Justamente, Lucas aproximou-se duma alta e bela raizaria de vinte

anos, Laura Fauchard, nascida de Luis Fauchard e de Juliana Dacheux, e que em pé junto dum aparelho, muito atenta, transmitia a corrente a um forno, segundo as indicações dum operário ainda novo, que vigiava a fusão.

— Então! Laura, perguntou elle, não está fatigada?

— Oh! não, senhor Lucas, isto até me diverte. Como quer que eu me fatigue a fazer girar este volante?

O operário, Hippólito Mitaine, que ia fazer vinte e três anos, tinha-se aproximado.

Era filho do Evaristo Mitaine e de Olimpia Lenfant, e diziam-no noivo de Laura Fauchard.

— Senhor Lucas, disse elle, nós vamos fundir linguiços; se quer ver...

E, posta em movimento a máquina, com a sua docilidade tranqüilla, tirou os cadinhos incandescentes, despejou-os nas lingueiras, que um mecanismo trazia em devido tempo.

Em cinco minutos, enquanto os operários olhavam, o trabalho achou-se feito com limpeza, o forno pôde receber nova carga.

— E ali está! disse Laura rindo com o seu belo riso. Quando penso em todas as terríveis histórias com que o meu pobre avô Fauchard me embolava a infância! Ele não estava já muito bom de cabeça, contava coisas de tremer sobre o seu antigo officio de ajudante de pudulador, como se tivesse passado a vida no fogo, o ventre e os membros lambidos pelas chamas. Todos os velhos nos acham muito felizes agora.

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

E, de imaginação viva, divertia-se, depois das suas quatro horas regulares de trabalho, em desenhos de ornamentação, para as officinas do olei-

o Lanre

Lucas tinha-se tornado grave, en-

quanto os olhos se lhe humedeciam de emoção.

— Sim, sim, os avós sofreram muito. E é por isso que os netos tem a vida melhor... Trabalhem muito, amem-se muito, a vida será melhor, ainda para os vossos filhos!

E Lucas continuou a sua visita, e em toda a parte aonde foi, nas diferentes officinas, a da moldagem de aço, a da grande forja, a dos grandes e pequenos tornos, achou o mesmo asseio salubre, a mesma alegria cantante, o mesmo trabalho facilitado e divertido, graças à diversidade das tarefas e ao auxilio soberano das máquinas.

O operário, que já não era a besta de carga esmagada, despresada, tornava-se uma consciencia, uma intelligencia, para sempre livre e glorioso.

E, quando Lucas acabou o seu giro matinal, pela officina dos laminadores, ao lado dos fornos de pudlar, parou de novo, para dar uma palavra affectuosa a um rapaz duns vinte e seis anos, Alexandre Feuillet, que vinha a chegar.

— Sim, senhor Lucas, venho das Combettes, onde ajudo meu pai. Tinha-nos umas sementeiras a concluir, trabalhei duas horas lá em baixo. Agora, vou trabalhar aqui ainda duas horas, porque há uma encomenda de ralis que aperta.

Era filho de Leão Feuillet e de Eugénie Yvonnat.

